



Híbridos de Cattleyas Brasileiras e seus Híbridadores — 3

Álvaro Pessôa

Nos artigos anteriores, procuramos demonstrar as diversas influências exercidas pelos híbridadores brasileiros na obtenção de novas cruzas. Fomos ainda incentivados, por cartas esclarecedoras de Ary Marcondes do Amaral, de São Paulo, Leonardo Freitas do Vale, de Recife e Adhemar Manarini, de Campinas, relativas ao passado orquidófilo dos híbridadores do Nordeste e de São Paulo. Voltaremos a estes próceres, lembrados pelos missivistas, mais adiante.

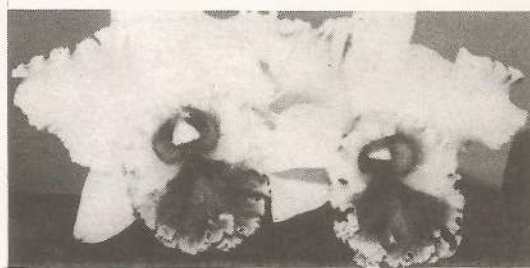
Por ora, parece indispensável estudar, à luz das cruzas oferecidas, a influência das plantas estrangeiras entre nós. Voltemos, novamente, aos Catálogos 10, 11 e 12 da Florália, editados no início da década de setenta. O Catá-

logo 12, por exemplo, oferecia 44 meristemas de plantas estrangeiras para 4 brasileiras. Pior era a relação de “seedlings”. Nada mais nada menos do que 121 seedlings com pai e mãe estrangeiros, para apenas 11 com pai *ou* mãe de plantas nacionais.

Tal tendência prosseguiu em toda a década de setenta e início dos anos oitenta e resistiu durante muito tempo. Tivemos um excesso de influência de plantas estrangeiras em nossa orquidofilia. Basta ler, ainda hoje, as listas oferecidas, para constatar o fato. Somos mais propensos à compra de meristemas estrangeiros do que de nacionais. Até bem pouco, éramos forçados a adquirir cruzas de matrizes estrangeiras, por absoluta falta de opção. Desta tendência não escaparam os orquidários comerciais em geral: o Dracenense, de Noboru Suzuki, a Florália e o de Ihony Suzuki de Itaquera. Isto entre os ainda existentes, porque entre os já extintos a tendência era a mesma.

Fugiu a esta tendência geral, é bem verdade, o Orquidário Binot, ainda an-

*Blc.
Capitão
Pessôa*



tes de Maurício Verbonem ter assumido sua direção técnica, e ter então ampliado as fronteiras da especulação, com cruzas baseadas em plantas nacionais, utilizando, amplamente, plantas rupícolas e exóticas em suas cruzas.

Observe-se, mesmo, que a utilização em cruzas, de plantas nacionais, e a obtenção de intergenéricos, veio antes como uma tendência importada, do que um movimento genuinamente nascido entre nós. Para exemplificar quanto deixamos de especular e criar com nossas próprias plantas, basta lembrar que o primeiro (e único) cruzamento com *L. sincorana* que vi em minha vida, foi feito por Alexis Sauer e exibido em reunião da ORQUIDA-RIO. Não conheço outro! Nem nunca vi nenhum deles à venda!

É bem verdade que se deu ampla utilização à *C. labiata* (com ela Rolf Altemburg criou uma de suas obras-primas, a *Lc. José Dias Castro*, cruz de *C. labiata* x *Lc. Sam Soy za*), à *C. bicolor*, algum valor à *C. loddigesii* e certamente à *C. trianaei*, que não é espécie brasileira, mas serve de fundamental importância tanto para híbridos primários, como em hibridação de forma geral.

Ao lado das *Cattleyas* utilizou-se o *Sophranitis*, quase que circunscrito ao *coccinea*, sendo que os cruzamentos com o *Soph. roseum* são praticamente ausentes, salvo pelo fato de Maurício Verbonem tê-lo utilizado para produzir cruzas com *L. pumila*, que, aliás, não se revelaram brilhantes.

As *Laelias* ficaram circunscritas à *L. tenebrosa*, que nos deram *Sl. Anzac*; *L. Zip* (*L. tenebrosa* x *L. milleri*); *Lc. Issy* (*L. tenebrosa* x *C. guttata*), alguma utilização de *laelias rupícolas*, como em *L. Icarus* (*L. flava* x *L. cinnabarina*) e mui-

to utilização de *Brassavola digbyana*, que tem o péssimo hábito de gerar plantas sem substância e sustentação, embora agradavelmente perfumadas.

Esta tendência da geração de *Brassos*, encontra-se hoje bastante diluída. As descendentes de *Brassavola digbyana* mantiveram seu delicioso perfume, sem perder a textura, que é muitas vezes excelente, como se verificou em *Blc. Malworth*.

Conforme se viu, as linhas de hibridação seguidas pelos brasileiros, basearam-se durante as décadas de cinquenta, sessenta e setenta, não apenas em plantas estrangeiras, mas sobretudo em obtenção de flores de grandes dimensões e preferencialmente lilazes, magentas, albas e semi-albas. É claro que neste campo não há do que nos queixarmos. Produziram-se lindos híbridos: *Lc. Waldemar Silva* (com utilização de *C. trianaei*); *Bc. Pastoral*; *Lc. José Dias Castro* (com utilização de *C. labiata*); *Lc. João Antonio Nicoli*; *Lc. Washington Luiz* (*Lc. Paradisio* x *C. loddigesii*); *Lc. Miss Brasil* (*C. labiata* x *Lc. Castle of Mey*); *Blc. Guanabara Bay* (*C. labiata* x *Blc. Norman's Bay*) e *Lc. Turandot*. Entre as semi-albas destacou-se a *Lc. Sonia Altemburg* (*C. Enid Alba* x *C. Nerto*), com a qual Rolf homenageou a filha caçula e, mais recentemente, a *Blc. Capitão Pessoa* (*C. Enid Butterfly* x *Blc. Enid Moore "Magnitude"*) que atingiu mais de 70% em qualidade de produtos, índice raramente encontrado em "seedlings". Além destas tivemos, também da Florália, a *Blc. Roberto Cardoso* com seu lindíssimo labelo rajado e a *Blc. Pastoral "Aniel Garnier"*. No campo do aprimoramento de espécies, Amândio Pinho Caetano cruzou duas *Cattleyas labiata* "semi-alba", Maria Odete com Marina, e obteve



plantas que são verdadeiros híbridos de tão perfeitos, embora sejam espécies.

Em matéria de albas plenas, com utilização de matrizes estrangeiras e alguma influência de *C. loddigesii*, tivemos C. Rubens Ribeiro, da Florália, e bons produtos da cruz de *C. loddigesii* "alba" São Carlos com C. Francis T. C. Au" Florália. As dominâncias de C. Bow Bells, (uma descendência de *C. trianaei*) absolutamente extraordinária, que representou enorme avanço em qualidade para a época, foi decisiva nos anos cinquenta, a ela seguindo-se seu aperfeiçoamento, a C. Bob Betts, com clones de prender a respiração, face à sua beleza.

A beleza da flor de uma planta, entretanto, não é, definitivamente, indício seguro do seu bom desempenho como padreador. Sempre trabalhamos em hibridação no Brasil, desconhecendo a questão básica dos cromossomos. Usamos, sem saber, e entre si, plantas diplóides, triplóides ou tetraplóides (quando não anaplóides), sem maiores considerações para a importância deste conhecimento. Isto é um erro! *C. trianaei* alba "Aranha Germaske", por exemplo, é provavelmente a alba mais bonita desta espécie, mas nunca foi um sucesso como padreadora conforme demonstrado pelos produtos norte-americanos. Plantas de flores apenas razoáveis, podem ser um sucesso quando utilizadas em cruzamentos. É o caso de Blc. Kitty Wake uma semi-alba que reproduz semi-albas cristalinas, ou a magenta Lc. Hyperion Yamamoto.

Entretanto não há, no passado brasileiro, registros de que cruzas foram feitas com qual planta específica, o que nos deixa sem registros a respeito daquilo que deu certo e daquilo que não deu. Cruzas registradas em lista de preços,

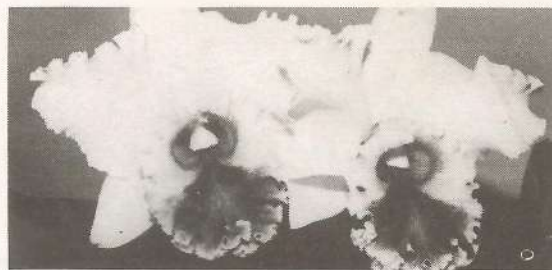
apenas como *C. warneri* "alba" com *C. labiata* "alba" dizem muito pouco a respeito de que clones foram utilizados. De qualquer forma, sem a utilização da Sander's List, que marca o passado, fica difícil acreditar que qualquer trabalho sério possa ser feito em hibridação!

Encontramo-nos, agora, no caminho de obter plantas albas que sejam também multifloras. É com *C. loddigesii*, *C. intermedia* e *C. harrisoniana* que deveremos chegar lá. Ninguém tem matrizes como as hoje disponíveis no Brasil para isto. O que não se pode é perder, novamente a oportunidade.

Em decorrência de cruzas feitas por Harusi Iwasita, de Cotia, S.P., com utilização de duas plantas obtidas pelo aprimoramento de *C. loddigesii* alba "São Carlos, (f/2 de São Carlos) foram produzidas e estiveram à venda, dúzias de plantas absolutamente perfeitas e albas como neve. Curiosamente, como conversamos com Sumio Nakashima e Sebastião Nagase quando da floração delas, as plantas albas já obtiveram um padrão superior ao das plantas tipo, também hoje disponíveis e produzidos pelo próprio Sebastião Nagase e por Amândio Pinho Caetano, que já têm extraordinária perfeição.

A utilização de *C. intermedia* tem uma certa vantagem sobre *C. loddigesii* na obtenção de híbridos albos multiflora. É que *C. intermedia* não tem qualquer sinal de amarelo no interior do labelo, delas se obtendo produtos branco puro, com *C. Summer Star* "Pureté" hoje meristemada. Nas cruzas, quando se quer produzir flores para certas épocas do ano, é bom não esquecer que, por exemplo:

- a) *C. intermedia* floresce na primavera e não tem amarelo no labelo;
- b) *C. labiata* floresce no verão;



- c) *C. trianaei* floresce no inverno;
- d) *C. warneri* floresce na alta primavera;
- e) *C. mossiae* floresce em plena primavera.

Sem manter estes pequenos detalhes em mente, muitos hibridadores já produziram e irão produzir plantas para épocas inadequadas.

Uma verdade deve ser dita, em relação à utilização, no passado, daquele que veio a se tornar, hoje em dia, o gênero mais importante para obtenção de mini-cattleyas: o *Sophronitis*.

O gênero *Sophronitis* esteve sempre fortemente presente na hibridação brasileira. Entre os que o utilizaram, destaca-se o Comendador Max Wunsche, ainda hoje residindo em Campinas, que criou a *Sc. Campinas* (híbrido de *coccinea*) e que depois a retrocruzou várias vezes com *Sophronitis*, obtendo lindíssimos resultados em matéria de cor. O falecido Noboru Suzuki cruzou *Soph. coccinea* com *Lc. José Dias Castro* e criou a *Slc. Suzuki*, um dos coloridos magenta mais bonitos conhecidos.

Ainda nesta linha de *Sophrs*, vai-se verificar que *Sl. Anzac*, foi a *Sophrrolaelia* mais utilizada, no Brasil e no exterior, para obtenção de híbridos de *Sophr*, não apenas por sua beleza, mas pelo seu imenso potencial genético.

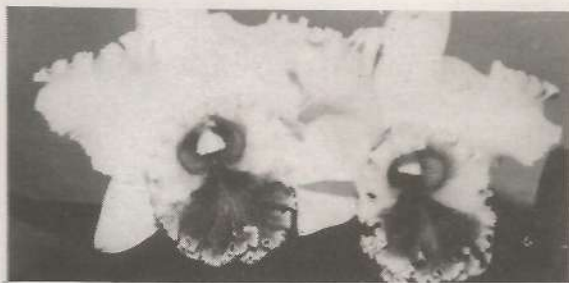
Encontravam-se as coisas neste pé, quando o mundo em geral e o universo orquidófilo em particular, foram sacudidos pela crise do petróleo e os altos custos do preço da energia. Mais uma vez na história do mundo ocidental, os árabes tornaram-se responsáveis por uma grande alteração de tendência, ao elevarem desmesuradamente o preço da grande fonte de energia do ocidente: o petróleo.

Em matéria de cultivo de orquídeas,

nos USA, na Europa e no Japão, onde o custo de aquecimento de estufas é elevado no inverno, a única solução residiu em diminuir o tamanho das estufas, para diminuir o custo do aquecimento. A consequência lógica, é que se tornou necessário diminuir o tamanho das plantas. Da noite para o dia (o que em cultivo de orquídeas pode significar oito anos, considerado um da noite para o dia de "curto prazo") o mercado passou a demandar espécies de pequeno porte e mini-cattleyas). Talvez tenham sido os japoneses, os que primeiro apresentaram esta tendência e nesta direção passaram a caminhar. Já no início da década de oitenta, após trabalharem com espécies brasileiras de pequeno porte, preponderantemente *Sophronitis*, *Laelia pumila*, *Cattleya walkeriana*, *Laelia crispata* (anteriormente *L. oestemayerii*), *Laelia mileri*, *Laelia briegearii*, os cultivadores japoneses e a colônia *nisei* de São Paulo, apresentava aos orquidófilos uma palheta de cores de mini-cattleyas onde não faltava, também, o uso abundante da *C. intermedia* "aquinii".

São desta época as seguintes mini-cattleyas apresentadas ao mercado: *C. interglossa* (*C. intermedia* *aquinii* x *C. amethistoglossa*); *Sc. Battemaniana* (*C. intermedia* *aquinii* x *Soph. coccinea*), um híbrido do começo do século, novamente refeito; *Lc. Sparkling Spot* (*L. crispata* x *C. intermedia* *aquinii*); *C. Angela aquinii* (*C. labiata* x *C. intermedia* *aquinii*); *C. batalini* (*C. bicolor* x *C. intermedia* *aquinii*); *Sc. Petite Pride* (*Soph. brevipedunculata* x *C. intermedia*); *Lc. Tropical Pointer* (*Lc. Tropic Glow* x *C. intermedia* *aquinii*).

Também nos Estados Unidos a tendência ampliou-se. Frank Fordyce criou a *Slc. Hazel Boyd* (*Slc. Apricot* x *Slc.* ►



Jewell Box), hoje com mais de 40 (quarenta) clones premiados. As grandes empresas comerciais norte-americanas, também seguiram a tendência: Armacost & Royston, Stewarts', Houser-mans', Finck Floral, Rod Mc Lelan e Jones & Scully entraram na produção de mini-cattleyas. Mais. Passaram a valer-se de Broughtonia, um gênero compatível com o grupo Cattleya e estão explorando este novo caminho com o maior sucesso.

No Brasil, esta linha foi seguida, fora da colônia japonesa, basicamente por dois hibridadores: Maurício Verbonen, do Orquidário Binot e Adhemar Manarini da Equilab. Embora sejam orquidários comerciais que seguem política comercial inteiramente distinta, optaram ambos pela especulação em arte e beleza em plantas pequenas. Por política comercial inteiramente distinta, deve-se entender que para comprar do Orquidário Binot, o cliente normal do mercado brasileiro, precisa fazer força e ter tenacidade. Ali não parece ser feito muito esforço para vender no mercado interno. Deve-se procurar comprar, se possível indo até lá, onde a recepção é sempre gentil. Isto não tira, entretanto, o alto mérito de Maurício Verbonen como hibridador, que além de refazer *C. Peckaviensis* (*C. schilleriana* x *C. aclandiae*) vem cruzando intensamente *Laelias* rupícolas, *Cattleyas* fantasia, *Epidendruns* e *Sophronitis* e tudo aquilo em que é rica a flora brasileira.

Aliás, em matéria de política de mercado, salvo a Florália e a Equilab, e mais recentemente o Morumby Orchids, que regularmente editam listas de preços e têm uma agressiva política de vendas, o orquidófilo, no Brasil, deve esforçar-se para descobrir onde e o que

comprar. Raramente têm facilidade para fazê-lo!

A Equilab é um fenômeno relativamente novo na orquidofilia brasileira, embora Adhemar Manarini tenha mais de 50 anos de exercício do "hobby". Cristalizando diversas tendências, Manarini conseguiu preparar uma linha de vendas que engloba:

- a) híbridos de alta qualidade;
- b) espécies raras selecionadas e logo meristemadas;
- c) plantas de pequeno porte e indiscutível bom gosto.

Partindo inicialmente para uma agressiva linha de produção de meristemas de espécies brasileiras, o que lhe granjeou inúmeros dissabores, face à mentalidade ainda reinante de que apenas alguns devem deter o monopólio da beleza, a Equilab ofereceu clones de plantas até então inacessíveis ao público.

Posteriormente, convencido de que o futuro da orquidofilia não é — nem nunca poderá ser — apenas produção de meristemas, entrou a produzir linhagens e cores exóticas que breve estarão disponíveis, consolidando uma tendência mundial. Além desta linha, entrou decididamente no campo da cruza e da autofecundação de espécies, das quais sairão bons resultados brevemente.

O maior mérito da Equilab, porém, além do extraordinário bom gosto de Adhemar Manarini, foi ter revelado um talento em seu laboratório. O talento chama-se Sebastiana Silva, que passou de simples funcionária de linha de montagem da Equipesca, à categoria de artífice incomum na produção de meristemas. Pessoa de temperamento tranquilo e, conseqüentemente, complementar da energia esfuziante e criado- ▶

ra de Adhemar Manarini, tornou-se peça indispensável ao sucesso da Equilab, cujo laboratório é, sem favor, com suas quase 300 (trezentas) fórmulas de meio de cultura, o mais eficiente laboratório de cultura de tecidos vegetais, não ape-

nas do Brasil, mas, provavelmente, do mundo.

No próximo número, examinaremos a controvertida questão do meristema e a posição dos hibridadores face à sua propagação em grandes números.



Florália®

Orquidários Reunidos Ltda.

CAIXA POSTAL N.º 100.541

24.000 — NITERÓI - RJ

E S P É C I E S , H Í B R I D O S

E

M E R I S T E M A S

ENVIAMOS LISTA MEDIANTE SOLICITAÇÃO

ABERTA TODOS OS DIAS DAS 8:00 ÀS 17:00

Est. da Figueira, 592

Tel.: (021)719-5800

Niterói 24.000 - Rio de Janeiro

Rua Maestro Octavio Maul, s/n

Tels.: (0242)42-4340 e 43-6050

Petrópolis - Rio de Janeiro